



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO EDUCACIONAL OSMAR DE AQUINO
CAMPUS III – GUARABIRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

ANGELINA LOPES PEREIRA FRANCO

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: APROXIMANDO TEORIA E PRÁTICA

**GUARABIRA
2017**

ANGELINA LOPES PEREIRA FRANCO

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: APROXIMANDO TEORIA E PRÁTICA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento á exigência para obtenção do grau de licenciado em História.

Orientadora: Profª Dra: Simone da Silva Costa

**GUARABIRA
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F825e Franco, Angelina Lopes Pereira
O estágio supervisionado: [manuscrito] : aproximando teoria e prática / Angelina Lopes Pereira Franco. - 2017.
23 p.

Digitado.
Relatório de Estágio Supervisionado (Graduação em História)
- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades,
2017.
"Orientação: Simone da Silva Costa, Departamento de
História".

1. Estágio Supervisionado. 2. História - Teoria. 3. História -
Prática. I. Título.

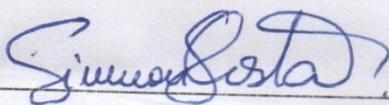
21. ed. CDD 981

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: APROXIMANDO TEORIA E PRÁTICA

Aprovado em: 04/04/17

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento á exigência para obtenção do grau de licenciada em História.

BANCA EXAMINADORA



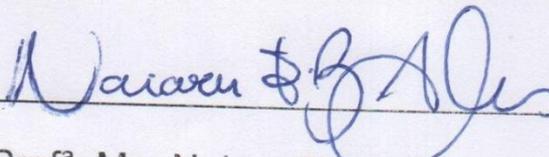
Prof^ª: Dra. Simone da Silva Costa (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^ª: Ma. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira (Examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^ª: Ma. Naiara Ferraz B. Alves (Examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe Guilhermina (*in memoriam*), pela dedicação,
companherismo e amizade, DEDICO

AGRADECIMENTOS

Á Deus por minha existência e minha mãe Guilhermina (*in memoriam*), que embora fisicamente ausente, sinto sua presença ao meu lado, dando-me força.

Ao meu pai José Ariobaldo pelo incentivo, ao meu marido Manoel pelo apoio e companherismo, aos meus irmãos Ângela e Bruno e amigos que me encorajavam nos momentos difíceis.

Aos professores do Curso de História da UEPB, em especial a professora Simone da Silva Costa pela dedicação ao longo dessa orientação.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

“Onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender”

(Paulo Freire, 1996 p.165)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1. MEMORIAL ESCOLAR E ACADÊMICO.....	08
2. O CAMPO DE ESTÁGIO.....	17
3. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA ESCOLA.....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS.....	23

INTRODUÇÃO

O relatório apresenta o memorial acadêmico de Angelina Lopes Pereira Franco que descreve e analisa acontecimentos sobre sua trajetória escolar e acadêmica, avaliando cada etapa de sua experiência, destacando a docência na educação de jovens e adultos (EJA) durante o estágio supervisionado do curso de História e as atividades referentes ao período de estágio no ensino médio regular.

O estágio curricular obrigatório do Curso Superior de História, oferecido pela UEPB teve início no dia 23 de Março e término do dia 04 de maio de 2016, e foi realizado na turma do 3º ano “C” do Ensino Médio regular na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Odilon Alves Pedrosa, localizada na Rua Padre Zeferino Maria - 375, no centro da cidade de Sapé- PB.

O estágio se constitui como um campo de conhecimento, uma prática educativa escolar, efetivado em contexto de trabalho profissional. Sua função é contribuir para a formação dos estudantes regularmente matriculados e frequentes em Instituições de Ensino Superior. É parte integrante do processo de formação inicial e constitui-se como espaço de excelência na análise da relação entre teoria e a prática.

Este é um momento em que o futuro professor pode vivenciar experiências, conhecendo melhor sua área de atuação, e realizar o que afirma Francisco e Pereira (2004), a transição de aluno para professor.

1. Memorial escolar e acadêmico

Meu nome é Angelina Lopes Pereira Franco, tenho 31 anos e vou falar um pouco de minha trajetória escolar, profissional e acadêmica. Minha educação indireta com a leitura foi muito boa, mesmo que meus pais tivessem poucos estudos sempre fizeram com que eu tivesse a oportunidade para aprender. Quando entrei para a escola já conhecia as letras, minha mãe escrevia na parede e fazia eu e meus irmãos repetir, achava tudo engraçado, pois não entendia o porquê daquilo, essa contribuição foi excelente para nosso aprendizado. Iniciei meus estudos na escola Nova Esperança, situada na mesma rua que eu morava, minha mãe colocou minha irmã que tinha 5 anos, mas não ficava sem mim, foi então que me colocou junto, tinha 4 anos. Gostava muito da escola, da merenda, dos amigos, das sextas que saíamos para ir ao parque, não me lembro da professora.

A escola então foi para outro endereço e continuei meus estudos em outra escola, esta quase em frente a minha residência, a Escola Cantalice Magalhães, lembro bem da professora da alfabetização se chamava Maria José, gritava bastante, mas considerávamos uma excelente professora. A da 1ª Série também se chamava Maria José, era muito bonita e boa, gostava muito dela; ela gostava de todos. Logo casou e nos deixou, foi substituída por outra, chamava-se Josélia também muito especial, fui aluna dela até a 3ª série.

Ao chegar á escola, todos tinham que fazer fila de menor a maior, e cantar o hino Nacional. Ao entrar na sala de aula hora da oração e só depois deste momento que começavam as atividades.

A merenda era maravilhosa, na hora do recreio brincava de roubar bandeira, pulava corda, amarelinha, ficava triste com os apelidos que sofria por ser gordinha; motivo de muitas brigas na escola. Todo mundo tinha um apelido e ninguém gostava quando esse era mencionado, uns choravam outros partiam para agressão, prática que hoje denomina-se bullying.

É considerado bullying todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e

são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa sem ter a possibilidade ou capacidade de se defender, um problema mundial que pode ocorrer em qualquer contexto no qual as pessoas interajam, tais como escola, faculdade/universidade, família, mas pode ocorrer também no local de trabalho e entre vizinhos”(CAMARGO, Orson. "Bullying"; *Brasil Escola*).

A professora ameaçava falar para a diretora que mandava chamar a mãe ou o pai, eu só chorava morria de medo, pois qualquer reclamação eu apanhava.

Todos temiam a diretora, era rígida, tudo tinha que está do seu agrado, impecável, farda, gravata, sapato, meia, queria todos cheirosos e bem penteados. Ensinava modos, postura, como se sentar a mesa, ninguém falava uma palavra errada perto dela, ninguém pegava nada dos outros sem permissão. Seu nome Maria das Neves de Paula Arruda, popular dona Dirinha. Ela teve uma grandiosa contribuição na minha formação como pessoa.

A escola realizava festa da páscoa, São João, dia das mães, dia dos pais, no dia da independência do Brasil fazia o hasteamento das bandeiras, tinha que ir fardada, colocar uma bandeira verde e amarela no peito e cantar o hino Nacional e o da independência e o da minha cidade Mari. Realizava também a festa das crianças, e final de ano, com todos os familiares envolvidos. Os alunos faziam apresentações, homenagens, serviam lanches, lembranças, todos amavam.

O ensino da escola na Cantalice Magalhães foi muito significativo para mim. Lá só tinha até a 3ª série e quando passei para a 4ª série, fui estudar na Escola Estadual Luiz Maria de França, onde estudei até a 8ª. Não queria ter que mudar de escola, deixar meus colegas, mudar de professora, mas foi o jeito. Na escola nova havia muitos colegas que conhecia do catecismo.

Mas foi complicado chegar na 5ª (6ª ano do ensino fundamental) série numa escola que tinha mais de trinta alunos numa única série, troca de matéria, professor, aos poucos fui me adaptando e me saindo bem.

No fundamental tive excelentes professores, eles eram muito exigentes. A escola uma das melhores até hoje, gostava das aulas de História, a professora se chamava Salete Lucena, muito simpática, as horas passavam que nem via, ficava querendo mais aula, ela pedia para assistir filme em grupo, amava ir para casa das amigas e debater o filme, pedia análise de filme, de textos, carta. Lembro que na 5ª série pediu uma pesquisa sobre a lenda da fundação de Roma, em outro ano pediu uma análise sobre o filme a lista de Schindler, e outro ano pediu uma análise sobre a carta testamento de Getúlio Vargas.

Explicava claramente os assuntos, todo mundo entendia, passava exercícios para casa e corrigia todos. Lembro bem que ela passava os exercícios primeiro na sala da minha irmã que estudava a mesma série e eu pegava as respostas, quando ela perguntava, eu respondia tudo, os colegas então falavam que eu tinha copiado da minha irmã e ela respondia que o importante era que eu tinha feito, todos esperavam que ela fosse reclamar. Estudei com ela o fundamental completo, da 5ª a 8ª série.

Gostava também das aulas de artes, português e inglês. A matemática me dava medo, na sétima série quase ficava reprovada. Detestava aquelas equações sem fim. Consegui então passar para o 2º grau e tive que ir para outra escola, pois a mesma não tinha ensino Médio.

Fui então para a Escola Estadual José Paulo de França, os professores eram ótimos, não tão exigentes, isso me deixava relaxada e desatenta, os assuntos de Matemática mais complicados e ainda tinha a física e a química, era péssima em exatas. Conclui o ensino médio aos 17 anos, um mês antes de completar 18, e foi então que começou a luta para entrar no mercado de trabalho.

Já tinha feito curso de informática, terminado o 2º grau, queria trabalhar para comprar minhas coisas e ajudar meus pais, o que aparecia de curso eu fazia, sai um tempo da minha cidade, não conseguindo nada voltei e fui fazer o Magistério, não aparecia oportunidades para trabalho, não queria ficar parada.

Durante o curso fui chamada para substituir professoras que precisava faltar por um, dois, até 15 dias. Preparava as aulas, acreditava que ia fazer tudo

como o planejado. A prática é diferente da teoria, os alunos de hoje não são mais como os do meu tempo e um dos desafios atuais das escolas é fazer com que crianças e adolescentes nela permaneçam e consigam concluir os níveis de ensino em idade adequada e não abandonem a escola durante o ano letivo.

Particpei como alfabetizadora por 2 (dois) anos no Programa Brasil Alfabetizado, um programa realizado pelo MEC, desde 2003. O (PBA), é voltado para a alfabetização de jovens, adultos e idosos, promovendo a superação do analfabetismo. É uma modalidade que se destina á inclusão escolar de um público que, por motivos diversos, foi excluído de educação durante sua infância ou adolescência.

Os alunos que participavam do PBA apresentam uma identidade muito diversa. Eram alunos trabalhadores que, na sua maioria, não tinham tempo para estudar, e com autoestima baixa por acharem que por causa da idade não iriam conseguir aprender, um grande desafio para quem estava iniciando na docência. Ao serem alfabetizados eles eram encaminhados para a modalidade de Educação de jovens e adultos (EJA).

Seguindo minha busca por um trabalho efetivo, tentei concursos públicos, mas não conseguia a aprovação. Então decidi fazer vestibular, optei por letras, achava que assim iria conseguir passar em um concurso, pois português tem sempre um peso maior, mas não passei, tentei então para História.

Conclui o Magistério no final de 2009 e entrei para a universidade no segundo semestre de 2010. Fiquei muito feliz de está ali cursando o ensino superior, pois não queria parar de estudar.

Uma das primeiras aulas foi de Pré-História com o professor Ruston. Ele era bastante exigente, como nos meus tempos de infância, falava até um dar cascudos se conversasse. Não sabia como era as notas e quando tirei uma nota baixa na disciplina pensei que recuperava na reposição, depois vi que a reposição era para quem não tinha feito a prova e minha nota ficou muito baixa. Trabalhava o dia todo em uma fábrica, não tinha muito tempo para estudar. Acabei ficando reprovada nessa disciplina.

No início foi complicado, os professores falavam que iam mandar textos por email, pediam muitos trabalhos, eu não tinha computador nem email. Não tinha tempo de ir para lan house. Eram muitas apostilas, muitos textos que não dava tempo de ler.

No primeiro semestre também tive aula de Estudos da história, métodos e técnicas da pesquisa histórica, filosofia sociologia e educação, não lembro o nome dos professores no momento, História da África (Waldecy), História antiga e Medieval (Naiara), Metodologia científica (Marisa).

Quando entrei para o curso achava que ia ver tudo que não tinha estudado no ensino fundamental e Médio, que ia aprender tudo que tinha nos livros didáticos de história. No curso entendi que a história é cercada de diferentes interpretações sobre um mesmo fato, e que há objetivos diferentes com relação à disciplina acadêmica e a matéria escolar.

“A disciplina acadêmica visa formar um profissional: cientista, professor, administrador, técnico, etc. A disciplina ou matéria escolar visa formar um cidadão comum que necessita de ferramentas intelectuais variadas para situar-se na sociedade e compreender o mundo físico e social em que vive”
(BITTENCOURT, 2004, p. 47).

Em 2012 consegui participar do programa Mais Educação que desde 2008, é ofertado às escolas públicas de ensino fundamental, consiste no desenvolvimento de atividades de educação integral que expandem o tempo diário de escola para o mínimo de sete horas.

As atividades de educação integral compreendem estratégias para o acompanhamento pedagógico diário da aprendizagem dos estudantes quanto às linguagens, à matemática, às ciências da natureza, às ciências humanas; bem como quanto ao desenvolvimento de atividades culturais, da cultura digital, artísticas, esportivas, de lazer, ampliando as oportunidades educativas dos estudantes.

Era monitora de letramento, opção aceita pela maioria dos pais que escolhiam duas disciplinas ou atividades. Preparei o plano de aula e fui muito

animada para a escola, chegando, a sala lotada, muitos alunos de diversas turmas, então como era primeira aula, fiz umas dinâmicas e apresentações.

No segundo dia, comecei a investigar as necessidades de cada um, era notória a deficiência que tinham na leitura.

Para mim que vivenciei a escola de anos atrás, como aluna de escola pública, percebo que a quantidade de recursos era bem menor, e mesmo assim a qualidade do ensino e do aprendizado dos alunos é superior aos dos dias atuais. O bullying, o mau comportamento, a falta de interesse pelo conteúdo e o desrespeito pelos professores, sempre existiu, mais nada comparado com os abusos que a escola enfrenta hoje.

Queria que eles me ouvissem, que prestassem atenção nas aulas, mas eles não queriam, a quantidade de alunos diminuía como já estudavam um horário, eles só queriam brincar, dançar, e esse foi o meio que encontrei para me aproximar deles. Dava minhas aulas em cima do que eles queriam fazer, pois sem alunos não tinha como dar aula. Consegui que eles gostassem de mim, aos poucos fui conquistando as turmas e assim eles realizavam todas as atividades, que em sua maioria eram lúdicas.

A dimensão lúdica, sendo alvo de tantas atenções e desejos por trazer diversão, lazer e entretenimento apresenta-se como condições muito pesquisadas pela sociedade.

Independente do tempo histórico; o ato de brincar possibilita uma ordenação da realidade, uma oportunidade de lidar com regras e manifestações culturais, além de lidar com outro, seus anseios, experimentando sensações de perda e vitória. (Dalla Valle, 2010, p.22)

Dalla Valle (2010) considera que a importância do brincar não depende do espaço e nem do tempo o qual está inserido, em qualquer contexto desempenha muito bem seu papel de oportunizar a criança à compreensão de regras, de estar em grupo e poder absorver para sua vida manifestações culturais e emoções novas por meio das brincadeiras infantis.

No final de 2011 tive a oportunidade de participar outra vez do programa Brasil Alfabetizado pela Universidade por um período de 6 meses.

Gostei bastante do estágio na Educação de jovens e adultos (EJA) fundamental, eles prestam bastante atenção, participam, falam sobre suas experiências de vida, demonstram bastante interesse em aprender. Os alunos aprendem conforme as experiências vivenciadas, suas necessidades e interesses. Segundo Paulo Freire “trata-se de ensinar o adulto a aprender a ler a realidade para, em seguida, transformá-la” (2005, p.42).

No processo de alfabetização, de acordo com Freire a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Deste modo, os educandos necessitam compreender a realidade em que vivem, dialogando, refletindo a respeito de si mesmo e tudo que o cerca.

A leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ademais, a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político (FREIRE, 1989, p. 7).

Segundo Freire alfabetizar-se é aprender a decodificar o mundo que nos rodeia, isto é, aprender não só a ler palavras, mas também a compreender o significado dos objetos que estão em nossa volta. Para ele, o objetivo maior da educação é conscientizar o aluno, e propunha uma prática de sala de aula que levasse o aluno a refletir criticamente sobre o mundo em que vivem. Percebe a educação como comunicação, diálogo, encontro de pessoas que procuram a razão de ser dos acontecimentos, pois, para ele, a educação é diálogo (FREIRE, 1977, p.77).

Já o estágio no Ensino Médio, o medo tomou conta de mim, e confesso: tinha medo de perguntas, de não responder, mas tinha que passar segurança para a minha colega de estágio que tremia e bloqueava na hora, comecei então a me acostumar com a turma.

A professora concedente do estágio para minha alegria tinha sido a minha professora no fundamental, me emocionei quando a vi, nossa fazia tanto tempo e ela do mesmo jeito, linda e atenciosa, sempre ajudando, dando dicas. Tentei agir como ela e consegui interagir com a turma.

O exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer 'algo' ou 'ação'. A profissão de professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação, será a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, da re-elaboração dos modelos existentes na prática, consagrados como bons. Muitas vezes nossos alunos aprendem conosco, nos observando, imitando, mas também elaborando seu próprio modo de ser a partir da análise crítica do nosso modo de ser. Nesse processo escolhem, separam aquilo que consideram adequado, acrescentam novos modos, adaptando-se aos contextos nos quais se encontram. Para isso, lançam mão de suas experiências e dos saberes que adquiriram. (Pimenta e Lima, 2011, p.35)

É maravilhoso estar à frente de uma sala de aula e melhor ainda perceber que conseguimos alcançar o objetivo proposto, e perceber que foi satisfatório para as duas partes, ou seja, além de ensinar ao aluno, o professor também aprendeu com os mesmos através de suas experiências de vida e conhecimentos compartilhados.

O educador já não é mais o que educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos (FREIRE, 2005, p.79).

No estágio entendemos que a sala de aula é um lugar de conflito, de diferentes visões de mundo, ideias e opiniões. Se os conflitos e diferenças forem vistos em um ambiente de respeito e valorização do outro, isto poderá ser a porta de acesso ao crescimento de todos. O diálogo e o bom convívio em sala de aula é fundamental para facilitar o processo ensino - aprendizagem. A sala de aula é o lugar ideal para a evolução do conhecimento individual e coletivo.

2. O campo de Estágio: A Escola

O estágio foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Odilon Alves Pedrosa, localizada na Rua Padre Zeferino Maria - 375, no centro da cidade de Sapé- PB.

A estrutura da escola é composta por 21 salas de aula, 1 sala da diretoria, 1 sala de professores, 1 laboratório de informática ,1 laboratório de ciências, 1 quadra de esportes coberta, 1 biblioteca, 1 sala de secretaria , 1 despensa,1 almoxarifado, pátio descoberto, área verde, banheiros dentro do prédio, cozinha e refeitório.

Possui 4 (quatro) computadores administrativos, 32 computadores para alunos, 4 (quatro) TVs, 3 (três) equipamentos de som, 4 (quatro) impressoras, 1 (um) equipamento de multimídia, DVD, antena parabólica, retroprojeter e acesso à Internet.

A mesma oferece além do Ensino Fundamental e Médio o Ensino Supletivo para jovens e adultos e conta com uma equipe de 88 funcionários.

3. Atividades desenvolvidas na escola

No dia 23 de março de 2016 nos apresentamos a Escola Estadual Monsenhor Odilon Pedrosa, para darmos início nossas atividades de estágio, fomos á sala da professora Salete Lucena o 3° ano “c” do ensino médio regular, onde a mesma nos recebeu, e nos apresentou a turma que possui 14 anos matriculados, mas presentes apenas 12 (doze), em uma faixa etária de 17 a 20 anos. A professora continuou a aula e ficamos observando a turma, que se mostrou atenta e participativa.

No dia 30 de Março, voltamos á escola com o objetivo de ministrarmos a aula que seria no 2° e no 3° horário, iniciamos a aula com a apresentação mútua e prosseguimos com a exibição de um vídeo sobre a Primeira Guerra Mundial com duração de 30 min.

O vídeo mostrava as motivações e as consequências do conflito. Em seguida, relacionamos a Guerra com os conflitos existentes nos últimos anos para que os alunos compreendessem que existe uma relação entre o passado e o presente e que os conflitos continuam existindo em todo mundo seja por disputa territorial por motivos políticos, econômicos ou sociais. Após a discussão inicial do tema entregamos um texto no qual eles leram e falaram o que entenderam do texto. A atividade tinha por finalidade contextualizar e problematizar sobre o tema.

Sobre o uso de vídeos na sala de aula Morán (1995) afirma que o vídeo ajuda o professor, atrai os alunos, aproxima a sala de aula do cotidiano, parte do concreto, do visível, do imediato, do próximo. Mexe com o corpo, com a pele, nos toca e "tocamos" os outros, através dos recortes visuais, dos sons e finais envolventes.

Segundo Morán (1995) o vídeo na cabeça dos alunos, significa descanso e não aula, o que modifica a postura, as expectativas em relação ao seu uso. Sobre como lidar com essa ideia de vídeo, ele acrescenta que:

Precisamos aproveitar essa expectativa positiva para atrair o aluno para os assuntos do nosso planejamento pedagógico. Mas, ao mesmo tempo, saber que necessitamos prestar atenção para estabelecer novas pontes entre vídeo e as outras dinâmicas da aula. (MOURA,1995,p.28)

O vídeo é um aliado importante no processo de ensino e na aprendizagem, desperta a curiosidade e motiva os alunos. No entanto, por ser um novo elemento, ele não deve substituir outros recursos, os complementa e se integra a eles. Assim como não deve ser pensado como um substituto da aula, mas um instrumento didático ao seu favor.

No dia 06 de Abril, iniciamos o assunto sobre a Revolução Russa, partimos para uma aula expositiva dialogada, falando sobre as causas e as conseqüências dos conflitos na Rússia e a sua influência na vida de centenas de milhões de seres humanos que fez o conflito se tornar um dos acontecimentos mais importantes na História do século XX. Assim como na aula sobre a Segunda Guerra, também utilizamos um texto de apoio para contribuir na sistematização do conteúdo.

No dia 13 de Abril houve paralisação nacional, então voltamos á escola no dia 20 de abril, quando iniciamos o assunto referente, a Primeira República Brasileira século XIX e início do século XX. Destacamos como a população era manipulada com as eleições fraudulentas. Após entregamos um texto de apoio e atividade relacionada ao mesmo, para que eles lesem e discutissem em duplas.

No dia 27 de Abril, iniciamos o assunto sobre a crise de 1929, apresentamos através de slides a maneira crescente com que esse acontecimento se colocou e até que ponto a crise norte-americana de 1929 deu subsídios para o tipo de política totalitária de direita desenvolvida em países como a Alemanha, como os regimes fascistas e nazistas (formação, ideais, líderes, contexto histórico).

Seguindo com a temática dos regimes totalitários apresentamos a construção das ideias de superioridade e inferioridade racial que fundamentaram estes regimes e o preconceito ainda existente em nossos dias. Após debate sobre o tema, os alunos realizaram uma atividade de sistematização sobre o mesmo a partir do que foi debatido em sala e da leitura do texto do livro didático.

Sobre o uso do livro didático é importante ressaltar são “os mais usados instrumentos de trabalho integrantes da ‘tradição escolar’ de professores e alunos, fazem parte do cotidiano escolar há pelo menos dois séculos”. (BITTENCOURT, 2011, p. 299).

O livro didático de História exerceu, e ainda exerce um papel fundamental no ensino de História, pois é subsídio teórico para a construção dos saberes históricos na sala de aula. Um documento que comporta vários outros documentos na sua estrutura, ou seja, além do texto principal de cada capítulo, um volume didático traz, em geral, uma série de fontes textuais e iconográficas, como também diferentes linguagens visuais, que podem favorecer a uma “série de técnicas de aprendizagem” (BITTENCOURT, 2002, p. 71).

De acordo com Ana Maria Monteiro os livros didáticos são utilizados pelos docentes “como fonte de orientação para explicações desenvolvidas nas aulas, como apoio ao planejamento e sugestões para avaliações, como material de estudo e atualização (MONTEIRO, 2009, p. 175)

Conforme afirmou Selva Guimarães Fonseca, “O livro didático é, de fato, o principal veiculador de conhecimentos sistematizados, o produto cultural de maior divulgação entre os brasileiros que têm acesso à educação escolar”. No entanto, não podemos deixar de analisá-lo como um produto de consumo e nem esquecer o seu papel de veiculador de ideologias. (FONSECA, 2003, p. 49).

O ideal é que o professor veja o livro didático apenas como uma das ferramentas entre tantas outras capazes de lhes propiciar condições de ministrar um ensino de qualidade. Soares (2002) aponta as dificuldades vivenciadas pelo professor quanto à utilização do livro didático:

Há o papel ideal e o papel real. O papel ideal seria que o livro didático fosse apenas um apoio, mas não o roteiro do trabalho dele. Na verdade isso dificilmente se concretiza, não por culpa do professor, mas de novo vou insistir, por culpa das condições de trabalho que o professor tem hoje. Um professor hoje nesse país, para ele minimamente sobreviver, ele tem que dar aulas o dia inteiro, de manhã, de tarde e, freqüentemente, até a noite. Então, é uma pessoa que não tem tempo de preparar aula, que não tem tempo de se atualizar. A consequência é que ele se apóia muito no livro didático. Idealmente, o livro didático devia ser apenas um suporte, um apoio, mas na verdade ele realmente acaba sendo a diretriz básica do professor no seu ensino. (SOARES, 2002, p. 2).

O livro didático utilizado nas escolas não deve ser apresentado como única fonte para direcionar o processo de ensino-aprendizagem. Este deve ser visto como um dos instrumentos de apoio necessário ao trabalho pedagógico, e que, por melhor que seja, precisa ser ampliado; com exercícios, sugestões de atividades e consultas em outras fontes que contemplem a realidade do aluno. Além disso, é necessário que o professor esteja em constante atualização, e consulte outros meios que facilite o fortalecimento dos seus conhecimentos.

No dia 04 de maio concluímos o estágio problematizando temas como cidadania e sensibilidade humana, ética e democrática. Após todo o questionamento levantado foi feita uma atividade de reflexão sobre o tema, em que também foi explorado o livro didático.

O estágio supervisionado não é só um simples cumprimento de exigências acadêmicas. Seu objetivo é proporcionar ao aluno a oportunidade de aplicar seus conhecimentos acadêmicos em situações da prática profissional, criando a possibilidade do exercício de suas habilidades. Ele é uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

Pimenta e Gonçalves (1990) consideram que a finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma proximidade à realidade na qual se atuará. Nesse sentido, o estágio é uma atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade. O estágio supervisionado é um auxiliador para a articulação entre teoria e prática, uma unidade inseparável entre ensino e pesquisa. Possibilita ao futuro professor desenvolver comportamentos de observação, reflexão crítica, investigação, reorganização das ações e permite ao futuro professor assumir pela primeira vez fora da universidade a sua identidade profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio um dos momentos de formação do professor. Não é o único e nem o mais importante, entretanto é fundamental. Este é um momento em que o futuro professor pode vivenciar experiências, conhecendo melhor sua área de atuação. O estágio realizado na escola foi proveitoso, pudemos vivenciar na prática a realidade da escola e o entrosamento dos alunos.

Vimos que, os alunos tiveram um melhor aproveitamento da aula quando utilizamos o vídeo, quando trabalhamos conteúdos ligados ao cotidiano, e que o livro didático, mesmo não sendo o único instrumento de trabalho usado pelo professor, é um recurso indispensável para orientação das explicações desenvolvidas nas aulas.

Durante a experiência do estágio, ficou evidente das dificuldades enfrentadas pelos professores dia após dia. A falta de recursos oferecidos pelo Estado ou Município influi diretamente na qualidade do ensino ofertado, comprometendo o processo de aprendizagem do aluno. O professor precisa buscar maneiras de compensar esse déficit de apoio e renovar sua didática, é importante também estar sempre a par das atualidades, visto que o mundo muda a cada dia, buscar cursos de formação continuada é a melhor forma de atender essas necessidades.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe M. Fernandes. **Livros e Materiais Didáticos de História.** In: Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

BITTENCOURT, Circe M. Fernandes. **O que é disciplina escolar?** In: Ensino de História: fundamentos e métodos. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011

CAMARGO, Orson. **"Bullying"; *Brasil Escola*.** Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. 24ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 2000.

FONSECA, Selva. **Didática e prática de ensino de história:** Experiência, reflexões e aprendizados. - Campinas- SP: Papirus. 2003.

<http://mariaaugustaclimadasneves.jusbrasil.com.br/artigos/111955220/a-importancia-das-atividades-ludicas-no-universo-da-educacao-infantil....>

MORAN, J. M. **O Vídeo na Sala de Aula.** Artigo publicado na revista Comunicação & Educação. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995

MONTEIRO, Ana Maria. **Professores e livros didáticos:** narrativas e leituras no ensino de história. In: ROCHA, Helenice Aparecida Bastos, REZNIK, Luís & MAGALHÃES, Marcelo de Souza. **A história na escola:** autores, livros e leituras. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, pp. 151-172.

Pimenta, Selma Garrido e Lima, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e docência.** 6º ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SOARES, Wander. **O livro didático e a educação.** 10/10/2002. Disponível em < <http://www.abrelivros.org.br/abrelivros/texto.asp?id=154> >